



LAMA E CAOS: RELAÇÕES DE VIOLÊNCIA LIGADAS ÀS QUESTÕES DE GÊNERO E PODER EM CASA GRANDE & SENZALA – 80 ANOS

Glacyanny Pires Alves Lira

Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, glacyannylira@gmail.com

RESUMO: Este artigo versa sobre as relações de poder e gênero na série de reportagens Casa Grande & Senzala, veiculadas pelo Jornal do Commercio em 2013. O objetivo deste trabalho é o de identificar, criticamente, relações de gênero nos contextos de violência apresentados na série de reportagens em questão (*Casa-Grande & Senzala – 80 anos*), como, também, apontar intersecções entre a Psicologia Social Comunitária e as questões de gênero, através da análise do conteúdo da reportagem supracitada. A metodologia utilizada foi a de pesquisa bibliográfica, tendo como suporte tanto a reportagem analisada, como autores de referência da área de Psicologia Social. A interferência do gênero nas conexões sociais e as suas derivações nas relações de poder são abordados ao longo do artigo. Por fim, o trabalho perpassa por uma análise da reportagem, à luz da Psicologia Social e das relações de gênero e sexualidades na sociedade.

Palavras-chave: Violência; Gênero; Literatura; Relações de poder e gênero.

INTRODUÇÃO

É, Alzira zerou seu futuro se
escondeu no escuro do furacão. Se a
gente vê só alegria só ela antevia a
revolução. O mar derrubando o
dique, invadindo a cidade enfim. Em
que paraíso distante, Alzira, ela
espera por mim?

(Lenine)

Na pós-modernidade, que de moderna
não tem nada, muito menos de pós –
frequentemente repete, reproduz, ecoa, com
novos nomes ou novos sujeitos, ou mesmo
sujeitos antigos conhecidos, os atos e valores,
tão antigos quanto as práticas mais remotas –
o que se pode observar é a replicação de

antigos costumes, com a perpetuação de
mentalidades machistas, preconceituosas e
essencialmente arcaicas.

Os padrões continuam ditando normas,
como uma *madona* autossuficiente e detentora
do poderio, o arraigado socialmente vem,
pelos séculos, impondo seus ditames e
perenizando comportamentos abusivos,
absurdos e, em última análise, violentos – seja
a violência essencial, de modificar o sujeito
ou o ambiente, ou a violência do senso
comum, a agressão.

Nesse sentido, tem sido importante –
principalmente durante as décadas finais do
século XX e início do XXI – problematizar,
tanto verbal quanto de forma escrita, através
de impressos, livros e afins, sobre a violência,
em especial esse recorte tão culturalmente
sobrepuesto que é a violência ligada às questões



sociais e de gênero. Como afirma Silva (1992):

a opinião pública foi sendo sensibilizada para a questão, que vinha sendo tratada apenas sob a ótica das relações interpessoais. Assim, um fenômeno que era considerado como um componente natural decorrente das relações pessoais e que, desta forma, era remetido à dinâmica do mundo doméstico – o domínio privado – passa a ser publicizado, assumindo uma dimensão política (SILVA, 1992, p. 97-98)

Há, portanto, uma necessária intersecção entre produção de autonomia e subjetivação através de mídias – aqui, de caráter escrito – e a discussão sobre gênero, perpassada nos meios literários – em especial no gênero reportagem.

A reportagem, (...), estruturalmente não se limita a uma notícia. Deve explorar exaustivamente ou não todas as possibilidades de um acontecimento. (KINDERMANN, 2003, p. 354)

Partindo da definição de Kindermann (2003) acerca do gênero reportagem, e afinando com o texto escolhido para a análise deste artigo, a saber, *Casa-Grande & Senzala – 80 anos*, publicado pelo Jornal do Commercio (2013), é possível traçar uma intersecção entre as histórias de vida retratadas na reportagem e as questões relativas ao gênero e à violência.

O material analisado se configura como uma série de reportagens que relata diversas histórias ligadas à violência em geral – desde de violências ligadas à relações de poder, até a via sexual. São mulheres – sejam biológicas ou não – torturadas e *lixificadas* – de lixo, de tornar dejetos, de degradar – em meio à lama e o caos que permeia suas histórias, nas senzalas urbanas que o Recife, não só ele, – com seus esgotos de lixo e gente – as colocou.

Partindo da construção interseccional entre literatura e realidade – partindo da violência e a alocando nas questões de gêneros e sexualidades –, o objetivo deste trabalho é o de identificar, criticamente, relações de gênero nos contextos de violência apresentados na série de reportagens em questão (*Casa-Grande & Senzala – 80 anos*), como, também, apontar intersecções entre a Psicologia Social Comunitária e as questões de gênero, através da análise do conteúdo da reportagem supracitada.

É de suma importância, notar a relevância sócio-cultural que tem os estudos de gênero, especialmente quando denota, através de reportagem – que expõe a realidade, lateralmente ligada aos cidadãos, mas escondida pelas imprensas, por vezes parciais, por vezes até irresponsável e partidária –



questões ligadas ao imaginário coletivo – como a violência – e ao cotidiano – como questões ligadas ao gênero e às sexualidades.

“Como o gênero funciona nas relações sociais? Como o gênero dá sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico? “(SCOTT, 1990, p. 6-7) Questões como essas serão os pontos focais – e porque não dizer, nodais – da discussão, por abarcarem tanto conteúdos do campo social, cultural e histórico, quanto das subjetividades – redundantemente, individuais.

METODOLOGIA

De acordo com Luna (2000) a metodologia de pesquisa deve se adequar aos objetivos propostos. Tomando como base esse parâmetro de escolha do método, e atentando para questões logísticas e temporais, a metodologia utilizada na confecção deste artigo foi a de pesquisa bibliográfica.

De acordo com Gil (2009), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Para aquele autor, a principal vantagem desse tipo de pesquisa reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama maior de fenômenos do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem é particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados que estão dispersos no tempo e no

espaço relacionados ao objeto de estudo. (GIL, 2009 apud LIMA et al, 2012, p.130)

Galvão (2010) aponta inúmeros pontos vantajosos para a utilização desta metodologia de pesquisa, demonstrando a eficácia do método.

Pode-se afirmar, então, que realizar um levantamento bibliográfico é se potencializar intelectualmente com o conhecimento coletivo, para se ir além. É munir-se com condições cognitivas melhores, a fim de: evitar a duplicação de pesquisas, ou quando for de interesse, reaproveitar e replicar pesquisas em diferentes escalas e contextos; observar possíveis falhas nos estudos realizados; conhecer os recursos necessários para a construção de um estudo com características específicas; desenvolver estudos que cubram lacunas na literatura trazendo real contribuição para a área de conhecimento; propor temas, problemas, hipóteses e metodologias inovadores de pesquisa; otimizar recursos disponíveis em prol da sociedade, do campo científico, das instituições e dos governos que subsidiam a ciência. (GALVÃO, 2010, p.377)

Diante do exposto, justifica-se a escolha do método por suas vantagens e adequação às proposições dos objetivos e, ainda, enquadrar-se suas fontes no período de 1984 a 2007, devido à escassez de conteúdo acadêmico sobre o tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

“A modernidade produziu desde o início, e continua a produzir, enormes quantidades de lixo humano.” (Bauman, 2004, p. 68). Nenhum autor se mostrou tão afim quanto Bauman (2004), com imensa sensibilidade, à situação narrada pela reportagem especial do *Jornal do Commercio*, em 15 de Dezembro de 2013. Casa-Grande & Senzala relata histórias de abuso sexual, abuso de poder, violação de direitos básicos e constitucionais, situações de total descaso, mesmo com total conhecimento dos órgãos responsáveis, machismo, preconceito com a mulher e com as minorias, reafirmação de padrões sociais e culturais e, por fim, reificação da figura humana, como bem usava Karl Max (1818-1883), a transformação do humano em uma espécie de lixo, reciclável, reutilizável, mas perenemente descartado das formas mais brutais e análogas aos descartes de lixo-dejeto – e o próprio lixo-objeto, que permeia toda a narrativa, tanto como envoltório ao humano degradado, quanto em analogia à figura humana *lixificada*.

É nesse sentido, então, que a Psicologia social comunitária pode orientar uma discussão, teorizando os eventos apontados na reportagem em questão, a partir de um aporte teórico fundamentador que segundo Gois (1993) citado por Campos (1996a) visa o desenvolvimento dos sujeitos

históricos, inseridos socialmente em comunidade.

O campo de atuação da Psicologia Social Comunitária é definido como uma área responsável pelo estudo das atividades em comunidades e tem como problema central a transformação do seu indivíduo em sujeito, ou ainda, como aponta Freitas (1996):

A psicologia (social) comunitária utiliza-se do enquadre teórico da psicologia social, privilegiando o trabalho com grupos, colaborando para a formação da consciência crítica e para a construção de uma identidade social e individual orientadas por preceitos eticamente humanos (p.73)

Apesar das várias políticas de intervenção do Governo Federal e de Pernambuco ligadas ao combate e prevenção do uso de drogas, um dos motivos que levam ou mantém grande parte das meninas da reportagem na prostituição, como exposto – “programa Crack, é possível vencer,(...) Plano de Ações Sociais Integradas de Enfrentamento ao Crack, (...) Plano Municipal de Atenção Integrada ao Crack e outras drogas, (...) Ação Integrada de Atenção ao Crack e Outras Drogas” (*Jornal do Commercio*, 2013, p. 14-15) – pouco se faz pela parcela mais marginalizada e inferiorizada dessa comunidade de prostitutas de nenhum luxo, muitas vezes menores de idade, que arroteiam o Recife, persistentemente, como o lixo que, caracteristicamente, o permeia.

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

É relevante, aqui, abrir um adendo sobre as posições ocupadas pelo binômio homem-mulher, onde a figura do feminino é, quase sempre inferiorizada e subjulgada, como confirma Ferreira (1988):

Na tradição filosófica ocidental o tema da mulher e do feminino é pouco trabalhado. Salvo raras exceções, os filósofos quer o consideraram de um modo pejorativo, entendendo a mulher como “o outro”, como algo desviante de um modelo aceite, quer simplesmente o ignoraram, não o considerando um filosofema relevante. Aparentemente trata-se de uma questão local, esporádica e com pouco interesse. (p.153)

E, ainda, é relevante apontar que o outro, como figura de alteridade, causa estranhamento na identificação com a diferença, o que é constitutivo na formação do Outro. Como aponta Simone de Beauvoir (1949): “Seule la médiation d’autrui peut constituer un individu comme un Autre” (p.13)

O problema, portanto, não cessa na questão do uso de droga, esse é só uma ponta da trama de fios que envolve a vida desses sujeitos, representantes de tantas outras Stephanies, Carols, Biancas, Patrícias e tantas

outras sem nome e sem direitos. Assim como as meninas (sim, meninas, levando em conta que o transexual que aparece na narrativa se autodenomina como pertencente ao gênero feminino e a determinação do gênero não perpassa apenas pelo padrão biológico de nascimento) do matagal do Recife, tantas outras, com outros nomes e particularidades, prostituem-se em ato e em crença, são abusadas sexualmente e socialmente, são agredidas física e ideologicamente, numa perpetuação ilógica e imunda de atos bárbaros que permeiam as sociedades desde muito antes das épocas das senzalas, que eternizaram-se nos guetos, nos quilombos e nos matagais – não trata-se só do preconceito racial, é preconceito de tudo quanto é tipo que se conhece, social, de gênero, de classe, de determinantes de vida, por fim, personificado nas meninas do matagal do Recife e em tantas outras, sem nome nem voz.

No tocante ao coletivo e no seu distanciamento com o individual é o que questiona-se acerca da conceituação de coletividade/comunidade. Segundo Heller (1987) *apud* Sawaia (1996) “ a comunidade é sistema de relação que remete ao mais alto grau de desenvolvimento de generecidade” (p. 47) ou ainda, Sawaia (1996) “todos participam com igual poder e competência argumentativa no processo de ressignificação da vida social” (p.48). Desta forma, pode-se



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

perceber que o bem-estar da comunidade vai, sim, ter uma dependência direta de outros membros ou mesmo do meio social, tendo que, entende-se relação como algo que não pode existir sem a presença de coisas outras que a completem (Guareschi, 1996). Discorre-se, portanto, sobre transformar os indivíduos dessa comunidade em sujeitos, conscientes de si e do próximo, questionadores, reflexivos, atuantes na causa por melhores condições de vida e da ressignificação da vida social.

Lane (1984), afirma que se há o enfrentamento dessas situações, criticando-as e questionando-as, conforme a necessidade, o processo tem continuidade onde serão repensadas e renovadas as ações, e, ampliando o âmbito da própria ação, tem-se como consequência a conscientização dos indivíduos, tornando-os, então, sujeitos. Lane (1984) resume, portanto, que a consciência é a base de formação dos sujeitos, sem ela, tem-se, apenas, indivíduos, que, por si só, não ressignificam o social e não impõem mudanças conscientes e significativas.

Contudo, nem só para a comunidade devemos olhar. Há outro nó na trama de Casa-Grande & Senzala: a decorrente não criminalização dos agressores. Os motivos são os mais diversos, a submissão da vítima a relacionamentos abusivos, como no caso de Stephanie que mantém um relacionamento violento com Thiago porque ele a respeita em

sua subjetividade de gênero – Stephanie nasceu homem e se enxerga como mulher, desde que começou a se travestir que rompeu laços com a família e se submete a relacionamentos abusivos e à prostituição –; a hierarquia social e de classe e a submissão a figuras de autoridade, que ao invés de coibir os atos criminosos os praticam.

Exemplo dessa não criminalização do agressor e da responsabilização da vítima é encontrado no discurso do secretário de Defesa Social do Estado (na época), Wilson Damázio:

(...)aqui tem muitos problemas, com mulheres, principalmente... Elas às vezes até se acham porque estão com policial. O policial exerce um fascínio no dito sexo frágil.. Eu não sei por que é que mulher gosta tanto de farda. Todo policial militar mais antigo tem duas famílias, tem uma amante, duas. É um negocio. Eu sou policial federal, feio pra c**.. a gente ia pra Floresta (Sertão), para esses lugares. Quando chegávamos lá, colocávamos o colete, as meninas ficavam tudo sassaricadas. Às vezes tinham namorado, às vezes eram mulheres casadas. Pra ela é o máximo tá dando pra um policial. Dentro da viatura, então, o fetiche vai lá em cima, é coisa de doido. (JORNAL DO COMMERCIO, 2013, p. 22)

Notadamente um discurso encrustado pelo preconceito, sem a menor noção de responsabilidade, nem a respeito da posição que ocupa e da repercussão da sua fala, nem sobre a responsabilidade social perante esses



atos criminosos, abusivos e violentos, que ocorrem, corriqueiramente, muitas vezes com menores de idade e, em sua maioria, com sujeitos em total vulnerabilidade física e social, como é o caso, relatado pela reportagem em questão, de Bianca, ainda virgem, aos 13 anos – e 24 quilos, deve-se salientar – que foi ameaçada de morte por um policial ao se negar a praticar atos sexuais que exigissem penetração.

É importante notar que os agressores escolhem vítimas frágeis e susceptíveis, para que além do domínio dos seus desejos – “desejo não, ordem” (Freyre, 2000, p. 120) –, possuam a capacidade de docilizar seus corpos, como bem afirma Foucault (1987). Essa submissão é vista no decurso de toda a reportagem, trata-se de uma submissão social, cultural, racial, de gênero e, sobretudo, de poder.

Diante do apontado, é preciso que a comunidade, então, se institua, já que é a partir dessa vida social, em comunidade, que o sujeito se torna como tal, ou seja, a partir dessa ação de socialização é que ele, então, se tornaria consciente de si, do outro e do mundo que o cerca. Nasciutti (1996), afirma que:

viver coletivamente implica, assim, em instituir-se em organizações, o que significa divisão de papéis, divisão de trabalho, bem ou mal, hierarquização das relações sociais, estabelecendo-se como consequência, as relações de poder que permeiam

toda e qualquer relação social (p. 102).

Nessa condição de instituição, a comunidade e a Defesa Social, se reconhecendo como tal, poderiam – no caso da instituição formal, deveria – intervir na situação de seus jovens vulneráveis susceptíveis e agredidos social e fisicamente.

Com todo o exposto, é importante que se perceba o poder influenciador da cultura nos determinantes sociais das vítimas do Matagal do Recife. Todos eles pobres e com baixa escolaridade, representando o que vemos, de fato, em pesquisas: mulheres, predominantemente negras, pobres, baixa escolarização, vivendo em bairros com péssimas condições de vida, no caso dos nossos personagens – reais – sem a menor condição de higiene, tão misturados com o lixo que passam a fazer parte dele, lixo humano, lixo descartável, lixo desprezado.

Observando as histórias, tão parecidas que parecem mesmo uma fotocópia fidedigna de vida, vê-se a reprodução normatizante do preconceito e do machismo se estendendo às relações de poder de casa, perpassando o relacionamento amoroso e até ao trabalho – a prostituição dos diversos âmbitos da vida. Para Vygotsky (1978) citado por Campos (1996b) o conhecimento é social antes de ser individual e seria mediado pela linguagem e pelos artefatos criados pela atividade humana



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

no processo de internalização pela cultura, embora, esse ambiente seja constantemente transformado pela atividade dos grupos, em interação.

Cada artefato contém, além de sua forma física, o código de condutas e de interações que o tornou possível, e que condiciona a ação de novas gerações que o utilizam. Da mesma forma a linguagem contém o código das representações e recortes do mundo legados pela cultura, e é assim que se transmitem as visões de mundo de uma geração a outra (CAMPOS, 1996b, p. 169).

As periferias e os subúrbios ou sub-habitações também tem seu espaço no *cenário* de Casa-Grande & Senzala – tanto a reportagem, como a obra que a nomeia e é *analogizada* – sendo importante a análise da relação dos sujeitos com suas casas, famílias e entornos: o lixo ao redor – em analogia ao Som ao redor, filme também produzido na Região Metropolitana do Recife e que retrata um problema que caotiza os locais por onde o incômodo fenômeno acústico passa. O papel da habitação, e das condições de vida (higiene, moradia, relações sociais) tem uma ligação direta com o nível de qualidade de vida e com a percepção do indivíduo pelo que existe ao seu entorno.

Segundo Vasconcelos (1996) existem dados que comprovam a prenuncia da vivência do espaço habitado na própria experiência de existência e na autoestima do

indivíduo e de sua sexualidade, repercutindo diretamente em sua saúde, no bem-estar físico, no emocional, no relacional – tanto afetivo-sexual quanto social –, devendo ser um ponto de intersecção com a atuação profissional. Ainda em Vasconcelos (1996) vemos que nas trocas da relação de habitação (corpo físico – espaço físico) a mulher reproduz na casa um discurso sintomático, projetando nessa casa suas preocupações e anseios, como podemos observar, em ponte com a reportagem, no discurso de Stephanie, que arruma sua casa como se arrumasse a si, coloca nela marcadores de uma ascensão social que quer para si, mas que desloca para o ambiente como parte de uma relação projetiva e simbiótica.

Ajuizando, por fim, as discussões fundamentadas pelo uso das teorias da Psicologia Comunitária, é propício que se repense o papel da sociedade nesses abusos e crimes de violação à mulher, às minorias, às crianças e adolescentes, por fim, aos que estão à margem dos padrões socialmente impostos: mulheres, comunidade LGBTT, negros, pobres, sujeitos não escolarizados ou com baixa escolarização, humanos socialmente vulneráveis. Não é apenas a morte, a agressão, o crime, o dolo, mas o total desrespeito que se direciona a estes grupos, ainda tidos como minorias, que já é de uma necessidade de atenção urgente. É preciso, então, pensar o

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



cotidiano dessas meninas do Matagal, tantas meninas, de tantos matagais, com histórias de vidas tão próximas e ao mesmo tempo tão particulares, nas semelhanças. A omissão da sociedade, a imaturidade das instâncias correedoras, o desconhecimento e a cessação dos direitos são pontos que não devem ser esquecidos.

A consciência é um processo individual, cada um toma consciência de si e do mundo, entretanto, Lane (1984), se pergunta: o que ocorre com um indivíduo consciente em um grupo de alienados? De que adiantaria uma unidade de gente consciente da necessidade de ressignificação das senzalas e currais humanos se isso não passasse para o coletivo? O patriarcado deve declinar, o machismo e o alto poderio sócio-político devem dar lugar à igualdade de gênero e à divisão do poder.

O papel do psicólogo se faz imperativo nesses contextos, para que uma intervenção comunitária seja possibilitada, colocando em xeque o saber da tradição, geradora de comportamentos que co-responsabilizam os sujeitos nos atos criminosos e preconceituosos.

O descompasso entre demandas sociais e formação denota fragmentações que se traduzem em dissociações entre fazer e saber, rupturas entre laços morais e emocionais [que] propiciaram um contingente cada vez maior de

pessoas tituladas na academia e não reconhecidas pela sociedade que segrega e/ou descarta perpetuando e aprofundando mazelas sociais contemporâneas (SCAPARO & GUARESCHI, 2007, p. 107 [grifo meu]).

CONCLUSÃO

Deve-se, portanto, objetivar a discussão e confronto nas comunidades de formas de enfrentamento das mazelas humanas: a violência, de várias formas possíveis, com as meninas do Matagal, violência social, sexual, agressora, violência letal de sonhos e de vida.

O que se propõe não é só pelas meninas atuais, é também pelas Stephanies, Patrícias, Biancas e tantas outras, sem nomes e sem rostos, apenas corpo-lixo, recicláveis e descartáveis, reutilizadas e sempre entulhando o Recife – ilustrando o cenário – por gerações e gerações, entorpecidas pelo chão do Recife que “afunda um milímetro a cada gole”, como bem afirma Lenine, sem terem, sequer, a oportunidade de beber vodca defronte da torre Malakoff, mas utilizando-se das mais baratas e destrutivas drogas, o crack, que em contradição ao programa do Governo, parece que fica cada vez mais impossível de vencer.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

BEAUVOIR, S. **Le Deuxième Sexe**, Paris, Gallimard, 1949, II, p. 13.

CAMPOS, R.H.F. **Introdução: Psicologia social comunitária**. In: Campos, R.H.F. (Org.). *Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia* (pp. 09-15). Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. **Psicologia comunitária, cultura e consciência**. In: Campos, R.H.F. (Org.) *Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia* (pp. 164-177). Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

FERREIRA, M.L.R. **Mulher como o "outro": filosofia da identidade feminina**. In: FERREIRA, M.L.R., organizador. O que pensam os filósofos sobre as mulheres. Lisboa: Centro de Filosofia, Universidade de Lisboa; 1988. p. 139-153.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREITAS, M.F.Q. **Psicologia na comunidade, psicologia da comunidade e psicologia (social) comunitária** – Práticas da psicologia em comunidade nas décadas de 60 a 90, no Brasil. In: Campos, R.H.F. (Org.). *Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia* (pp. 54-80). Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

FREYRE, G. **Casa-Grande & Senzala**. 41ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GALVÃO, M.C.B. **O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica**. In: Laércio Joel Franco, Afonso Dinis Costa Passos. (Org.). *Fundamentos de epidemiologia*. 2ed. A. 398 ed. São Paulo: Manole, 2010, v. , p. -377. Disponível em:

<http://www2.eerp.usp.br/Nepien/DisponibilizarArquivos/Levantamento_bibliografico_CristianeGalv.pdf> Acesso em: 13 Abril 2016.

GUARESCHI, P.A. **Relações comunitárias relações de dominação**. In: Campos, R.H.F. (Org.). *Psicologia Social Comunitária: Da solidariedade à autonomia* (p. 81-99). Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

JORNAL DO COMMERCIO. **Casa-Grande & Senzala – 80 anos**. 2013. Disponível em <<http://especiais.jconline.ne10.uol.com.br/casagrandeesenzala/index.php>>. Acesso em: 11 de Abril 2016

LANE, S. T. M. **Consciência/alienação: a ideologia no nível individual**. In: Lane, S.T.M., & Codo, W. (Orgs.). *Psicologia Social: o homem em movimento*. (p. 40-48). São Paulo: Brasiliense, 1984.

LIMA, T. C. S; MIOTO, R. C. T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Rev. Katál. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe>> Acesso em: 13 Abril 2016.

LUNA, S. V. de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2000.

NASCIUTTI, J. C. R. **A instituição como via de acesso à comunidade**. In: Campos, R.H.F. (Org.). *Psicologia Social Comunitária: Da solidariedade à autonomia*. (p. 100-125). Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SAWAIA, B.B. **Comunidade: a apropriação científica de uma conceito tão antigo quanto a humanidade**. In: Campos, R.H.F. (Org.) *Psicologia Social Comunitária: Da solidariedade à autonomia*. (p. 35-35). Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SCAPARO, H. B. K; GUARESCHI, N.M.F. **Psicologia social e comunitária e formação profissional**. In: *Psicologia & Sociedade*, 19(Ed. Esp. 2), p. 100-108, 2007.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

KINDERMANN, C.A. **O estudo dos gêneros do jornal:** o caso da reportagem. Anais do 5º Encontro do Celsul, Curitiba-PR, 2003 (352-359) Disponível em: <
www.celsul.org.br/Encontros/05/pdf/047.pdf >
Acesso em: 12 Abril 2016.

SCOTT, J.W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade, vol. 16, no 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990

SILVA, M.V. **Violência contra a mulher: quem mete a colher?** São Paulo: Cortez, 1992.

